

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS

DOIS A DOIS





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

A você, fiel leitor: obrigado pelos últimos vinte anos.

1



Um mais um é igual a três

– **U**au! – É isso que me lembro de ter dito quando Vivian saiu do banheiro e me mostrou o resultado positivo do teste de gravidez. – Que maravilha!

Na realidade, o que senti estava mais para... “Sério? Já?”

Foi mais um choque do que qualquer outra coisa, além de um pouco de pânico. Estávamos casados havia pouco mais de um ano e ela já tinha avisado que, quando decidíssemos ter um filho, pretendia passar os primeiros anos em casa. Sempre concordava quando ela dizia isso, afinal eu queria a mesma coisa, mas naquele momento compreendi que nossa vida como um casal com fonte de renda dupla em breve chegaria ao fim. Além disso, eu não tinha certeza se estava pronto para ser pai. Mas o que podia fazer? Afinal, ela não havia me enganado, tampouco escondido que queria ser mãe, e me avisara quando parou de tomar o anticoncepcional. Eu também queria filhos, claro, mas fazia só três semanas que ela havia abandonado a pílula. Lembro que pensei que eu provavelmente ainda teria pelo menos alguns meses até o corpo dela voltar ao estado normal e ser capaz de gerar um bebê. Pelo que eu sabia, ela poderia ter dificuldade para engravidar, o que significava que demoraria mais um ou dois anos.

Mas não com a minha Vivian. O corpo dela se readaptou de imediato. Minha Vivian era fértil.

Passei o braço em volta dela e a observei com atenção para ver se já estava com aquele brilho especial. Só que era cedo demais para isso, certo? O que é exatamente esse brilho especial, afinal de contas? Será apenas outro jeito de dizer que alguém está suado e morrendo de calor? Como nossas vidas iriam mudar? E quanto iriam mudar?

As perguntas não paravam de girar na minha cabeça, e ali, abraçado à minha mulher, eu, Russell Green, não tinha resposta para nenhuma delas.



Meses depois, o grande dia chegou, embora eu reconheça que boa parte dele até hoje não esteja clara.

Pensando bem, eu deveria ter anotado tudo o que aconteceu enquanto os fatos ainda estavam frescos na memória. O grande dia deveria ser lembrado em vívidos detalhes, não em imagens embaçadas como as que eu costumo recordar. Só tenho tantas recordações por causa de Vivian. Todos os detalhes parecem estar impressos na sua consciência, mas, afinal, quem estava em trabalho de parto era ela, e a dor às vezes tem o dom de aguçá-la a mente. Pelo menos é o que dizem.

O que sei é o seguinte: às vezes, ao rememorar os acontecimentos daquele dia, ela e eu temos opiniões um pouco diferentes. Por exemplo, considero meus atos totalmente compreensíveis nas circunstâncias, enquanto Vivian costuma dizer ora que fui egoísta, ora que fui um idiota completo. Quando ela contava a história para amigos, o que aconteceu muitas vezes, eles sempre riam ou então balançavam a cabeça e olhavam para ela com pena.

Para ser sincero, não acho que eu tenha sido egoísta ou idiota. Afinal de contas, aquele era nosso primeiro filho, e nenhum dos dois sabia exatamente o que esperar quando ela entrasse em trabalho de parto. Será que alguém de fato se sente preparado para o que está por vir? Disseram que o trabalho de parto é imprevisível. Durante a gestação, Vivian lembrou mais de uma vez que o processo, desde as primeiras contrações até o nascimento do bebê, poderia levar mais de um dia, principalmente no caso do primeiro filho, e o mais comum era durar doze horas ou mais. Como a maioria dos jovens futuros pais, considerava minha mulher uma especialista no assunto e acreditei no que ela dizia. Afinal, fora ela quem tinha lido todos os livros.

É preciso observar que, na manhã em questão, eu não fui totalmente incapaz. Levei minhas responsabilidades a sério. Tanto a mala dela quanto a do bebê estavam prontas e eu as havia conferido duas vezes. A câmera fotográfica e a filmadora estavam carregadas e a postos, e o quarto do bebê

estocado com tudo de que ele iria precisar por pelo menos um mês. Eu sabia qual era o caminho mais curto até o hospital e tinha planejado rotas alternativas caso houvesse algum acidente na autoestrada. Também sabia que o bebê iria chegar em breve: nos dias que antecederam o parto, ocorreram vários alarmes falsos, mas até eu percebi que a contagem regressiva tinha começado oficialmente.

Em outras palavras, não fui pego de surpresa quando minha mulher me acordou com uma sacudida às quatro e meia da manhã do dia 16 de outubro de 2009 e anunciou que as contrações estavam vindo com cinco minutos de intervalo e que era hora de ir para o hospital. Não tive dúvida: ela sabia a diferença entre as contrações falsas e as *verdadeiras* e, embora eu viesse me preparando para aquele momento, a primeira coisa em que pensei não foi me vestir de qualquer maneira e preparar o carro; na verdade, nem mesmo foi algo relacionado a minha mulher e a meu filho prestes a nascer. Meu raciocínio foi mais ou menos este: *Hoje é o grande dia e as pessoas vão tirar um monte de fotos. Outras pessoas vão ver essas imagens para sempre e, como elas vão ficar para a posteridade, é melhor eu tomar uma chuva antes de ir, já que meu cabelo está todo desgrenhado.*

Não que eu seja um cara fútil. Apenas achei que teria *bastante* tempo, então disse a Vivian que estaria pronto em poucos minutos. Em geral sou rápido no banho num dia normal, não levo mais de dez minutos, incluindo fazer a barba. Logo depois de passar o creme de barbear, porém, pensei ter escutado minha mulher dar um grito lá na sala. Apurei os ouvidos outra vez. Mesmo sem escutar nada, me apressei. Quando estava enxaguando o rosto, ela gritou, mas estranhamente parecia gritar algo *sobre mim*, não *para mim*. Enrolei uma toalha na cintura e saí para o corredor escuro, ainda pingando água. Juro por Deus que passei menos de seis minutos no banho.

Vivian deu outro grito e levei um segundo para absorver o fato de que ela estava de quatro no chão gritando ao celular que eu estava “NA PORCARIA DO CHUVEIRO!” e perguntando “O QUE É QUE ESSE IDIOTA PODE ESTAR PENSANDO?!?!?!?” *Idiota*, aliás, foi o adjetivo mais leve que ela usou para se referir a mim naquela conversa; na realidade, seu linguajar foi bem mais agressivo. O que eu não sabia era que as contrações, que antes tinham um intervalo de cinco minutos, agora vinham de dois em dois minutos, e que ela também sentia dores excruciantes na lombar.

Vivian de repente deu um grito tão alto que se transformou numa entidade viva autônoma, que talvez ainda esteja pairando acima do nosso bairro em Charlotte, na Carolina do Norte – tirando isso, é um lugar bem tranquilo.

Fiquem descansados: depois disso, eu fiz tudo ainda mais depressa. Vesti a roupa sem me secar direito e coloquei as malas no carro. Amparei Vivian até lá e não comentei nada quando ela cravou as unhas no meu braço. Numa fração de segundo, sentei-me ao volante e, da estrada, liguei para o obstetra, que prometeu nos encontrar no hospital.

As contrações ainda vinham com intervalos de alguns minutos quando chegamos, mas, como Vivian sentia muita dor, foi levada direto para a sala de parto. Segurei a mão dela e tentei ajudá-la a manter o ritmo da respiração enquanto ela novamente emitia opiniões agressivas sobre mim e sobre onde eu poderia *enfiar a porcaria da respiração* até o anestesista chegar para aplicar a peridural. No início da gravidez, Vivian hesitara se pediria ou não a anestesia, até finalmente resolver que a receberia, e naquele momento isso me pareceu uma bênção. Assim que o remédio começou a fazer efeito, a dor desapareceu e Vivian sorriu pela primeira vez desde que havia me sacudido naquela manhã para me acordar. O obstetra, um sessentão de cabelos grisalhos bem penteados e expressão simpática, entrava no quarto a cada vinte minutos ou meia hora para checar a dilatação e, entre uma e outra visita dele, eu liguei para os meus pais e para os pais dela, e também para minha irmã.

A hora havia chegado. As enfermeiras foram chamadas e prepararam o equipamento com calma e profissionalismo. Então, de repente, o médico mandou minha mulher fazer força.

Vivian fez força durante três contrações. Na terceira, o médico começou a girar os pulsos e as mãos feito um mágico que tira um coelho da cartola, e quando eu percebi tinha virado pai.

Simple assim.

O médico examinou nossa filha. Embora levemente anêmica, a menina tinha dez dedos nas mãos, dez nos pés, um coração saudável e um par de pulmões que obviamente estavam funcionando. Perguntei sobre a anemia. O médico relatou que não era nada preocupante e, depois de ele esguichar um pouco de líquido viscoso nos olhos da nossa neném, ela foi limpa, enrolada e colocada no colo da minha mulher.

Como eu havia previsto, várias fotos foram tiradas ao longo do dia. Estranhamente, porém, quando as pessoas as viram mais tarde, ninguém pareceu dar a mínima para a minha aparência.



Dizem que todos os bebês nascem com cara de Winston Churchill ou de Mahatma Gandhi, mas, por causa da anemia, que dava ao rosto da minha filha uma palidez acinzentada, meu primeiro pensamento foi que ela se parecia com o Yoda, sem as orelhas pontudas, claro. Uma Yoda *linda*, entendam bem, uma Yoda *linda de morrer*, uma Yoda tão *milagrosa* que, quando ela segurou meu dedo, meu coração quase explodiu. Meus pais chegaram poucos minutos depois, e eu, de tão nervoso e empolgado, fui recebê-los no corredor e disse as primeiras palavras que me vieram à mente.

– *Nosso bebê é cinza!*

Minha mãe me olhou como se eu tivesse enlouquecido, e meu pai enfiou o dedo no ouvido para verificar se a cera acumulada tinha prejudicado sua audição. Eles ignoraram meu comentário, entraram no quarto e viram Vivian com nossa filha no colo e uma expressão serena no rosto. Meu olhar acompanhou o deles, e pensei comigo mesmo que London devia ser a menininha mais linda de toda a história do mundo. Embora todos os pais pensem a mesma coisa dos filhos recém-nascidos, a verdade é que só pode haver uma criança que seja de fato a *mais linda em toda a história do mundo*, e parte de mim achava inacreditável que as outras pessoas naquele hospital não estivessem passando no nosso quarto para se extasiar diante da minha filha.

Minha mãe se aproximou da cama e esticou o pescoço para olhar ainda mais de perto.

– Já decidiram o nome?

– London – respondeu minha mulher, cuja atenção estava totalmente focada em nossa filha. – A gente decidiu chamá-la de London.



Meus pais foram embora, mas voltaram naquela mesma tarde. Nesse meio-tempo, os pais de Vivian também nos visitaram. Vieram de avião de Ale-

xandria, na Virgínia, onde Vivian fora criada, e, embora ela tenha ficado radiante, eu na mesma hora senti a tensão no quarto. Sempre tivera a sensação de que, para eles, sua filha havia *se contentado com pouco* ao decidir se casar comigo. Será que estavam certos? Eles tampouco pareciam gostar dos meus pais, e o sentimento era mútuo. Os quatro sempre se tratavam de modo cordial, mas era evidente que preferiam evitar a companhia uns dos outros.

Minha irmã mais velha, Marge, também apareceu levando presentes, acompanhada de Liz. As duas estavam juntas havia mais tempo do que Vivian e eu, que na época tínhamos mais de cinco anos como casal. Eu não só pensava que Liz era uma ótima companheira para minha irmã, como sabia que Marge era a melhor irmã mais velha que um cara poderia ter. Como nossos pais trabalhavam – papai como bombeiro hidráulico, mamãe como recepcionista de um dentista, até se aposentar havia alguns anos –, Marge tinha atuado como mãe substituta em determinadas ocasiões, além de irmã e confidente, me ajudando a atravessar a angústia da adolescência. Aliás, nenhuma das duas gostava dos pais de Vivian, sentimento que se consolidara no meu casamento, quando eles se recusaram a deixar que Marge e Liz se sentassem juntas na mesa principal. É bem verdade que Marge participara da cerimônia e Liz não, e minha irmã decidiu ir de smoking, não de vestido. Mas esse fora o tipo de deslize que nenhuma das duas conseguira perdoar, já que outros casais heterossexuais tiveram o privilégio de se sentarem à mesma mesa. Para ser franco, não culpo as duas por terem ficado chateadas, pois eu também fiquei. Elas se dão melhor do que a maioria dos casais que conheço.

Enquanto as visitas chegavam e partiam, passei o resto do dia no quarto com minha mulher, sentado ora na cadeira de balanço junto à janela, ora na cama ao seu lado. Não parávamos de sussurrar com assombro que *tínhamos uma filha*. Eu observava minha mulher e a neném, e tinha certeza de que meu lugar era ao lado das duas e de que nós três permaneceríamos conectados para sempre. Foi uma sensação avassaladora, assim como tudo o mais nesse dia, e me peguei imaginando como seria London adolescente, quais seriam seus sonhos, o que ela faria da vida. Toda vez que ela chorava, Vivian automaticamente lhe dava o peito, e eu testemunhava um novo milagre.

Como London sabe fazer isso?, pensava. Como é que ela pode saber?



Tenho outra lembrança desse dia, mas que é só minha.

O pensamento me ocorreu naquela primeira noite no hospital, bem depois de as últimas visitas terem ido embora. Vivian estava dormindo, e eu cochilava na cadeira de balanço quando ouvi minha filha começar a se mexer. Até aquele dia, eu nunca tinha segurado um recém-nascido. Peguei-a no colo e a segurei junto do corpo. Pensei que fosse ter que acordar Vivian, mas, para minha surpresa, London se acalmou. Voltei devagar para a cadeira de balanço e, pelos vinte minutos seguintes, tudo que consegui fazer foi me maravilhar com os sentimentos que ela despertou em mim. Eu a adorava, é claro, mas, já naquele instante, pensar na vida sem ela me pareceu inconcebível. Lembro-me de sussurrar que era seu pai, que estaria sempre por perto quando ela precisasse. Então, como se entendesse exatamente o que eu estava falando, ela fez cocô, se contorceu e começou a chorar. No final, acabei devolvendo-a para Vivian.

2



No início

– *F*alei com eles hoje – anunciou Vivian.

Estávamos no quarto. Vivian tinha vestido o pijama e deitado na cama. Estávamos enfim a sós, apenas os dois. Eram meados de dezembro, e London dormia havia menos de uma hora. Com oito semanas de vida, ainda dormia só três a quatro horas por vez. Vivian não havia reclamado, mas vivia cansada. Linda, mas cansada.

– Falou com quem sobre o quê? – perguntei.

– Com Rob – respondeu ela, referindo-se a seu chefe na empresa de comunicação onde trabalhava. – Avisei oficialmente que não vou voltar quando a licença-maternidade acabar.

– Ah – falei, e senti o mesmo espasmo de terror de quando vira o resultado positivo do teste de gravidez.

Vivian ganhava quase tanto quanto eu, e sem a renda dela eu não tinha certeza se conseguiríamos manter o padrão de vida.

– Ele disse que a porta estaria sempre aberta caso eu mudasse de ideia – acrescentou ela. – Mas argumentei que não queria que London fosse criada por estranhos. Se não for assim, para que ter um filho?

– Não precisa me convencer – comentei, esforçando-me ao máximo para disfarçar meus sentimentos. – Estou do seu lado. – Bom, pelo menos parte de mim estava. – Mas você sabe que isso significa que a gente não vai mais poder sair tanto para jantar e também que vamos cortar uns gastos supérfluos, não sabe?

– Sei.

– E tudo bem para você não comprar tanto?

– Do jeito que você fala, parece até que joga dinheiro fora. Eu nunca faço isso.

As faturas do cartão de crédito às vezes pareciam indicar o contrário, assim como seu armário abarrotado de roupas, sapatos e bolsas, mas pude detectar a irritação na sua voz e a última coisa que eu queria era discutir com ela. Então me aproximei e a puxei para perto, com outra questão em mente. Afundei o rosto no pescoço dela e a beijei ali.

– Agora? – indagou Vivian.

– Já faz um tempão.

– E o pobrezinho do meu bebê está sentindo que vai explodir, é?

– Para ser bem sincero, não quero correr esse risco.

Ela riu. Quando comecei a desabotoar a parte de cima do pijama dela, a babá eletrônica emitiu um ruído. Congelamos no mesmo instante.

Nada.

Ainda nada.

E bem na hora em que pensei que a barra estivesse limpa e soltei o ar que nem tinha consciência de estar prendendo, o ruído na babá eletrônica recomeçou com força total. Com um suspiro, rolei de costas e Vivian saiu da cama. Quando London finalmente se acalmou, o que levou uma boa meia hora, Vivian não estava a fim de tentar outra vez.

De manhã, tivemos mais sorte. Tanta sorte, na verdade, que me ofereci alegremente para cuidar de London quando ela acordasse e Vivian pudesse voltar a dormir. Mas nossa filha devia estar tão cansada quanto a mãe: foi só depois que terminei minha segunda xícara de café que escutei alguns ruídos, mas não choro, saírem da babá eletrônica.

No quarto de London, o móvel acima do berço girava, e ela se contorcia toda, cheia de energia, movendo as perninhas como se fossem pistões. Não pude conter um sorriso, e a neném de repente sorriu também.

Não eram gases; não era um reflexo involuntário. Esses eu conhecia. Quase não acreditei: aquilo era um sorriso genuíno, verdadeiro como o sol que nasce, e, quando ela deu uma risadinha inesperada, meu dia, que já tivera um começo excelente, de repente melhorou mil vezes.



Não sou um homem sábio.

Não que eu seja burro, vejam bem. Mas sabedoria significa mais do que inteligência, pois envolve compreensão, empatia, experiência, paz interior

e intuição, e, olhando em retrospecto, muitos desses traços evidentemente faltam em mim.

Eis o que mais eu aprendi: idade não garante sabedoria, da mesma forma que não garante inteligência. Sei que essa não é uma ideia muito popular. Afinal, costumamos considerar os mais velhos sábios em parte por serem grisalhos e enrugados, não é? Mas nos últimos tempos passei a acreditar que algumas pessoas nascem com capacidade para se tornarem sábias, outras não, e em outras ainda a sabedoria parece evidente mesmo numa idade precoce.

Minha irmã, Marge, por exemplo. Ela é sábia, e é só cinco anos mais velha que eu. Sinceramente, ela é sábia desde que eu a conheço. Liz também. Apesar de mais nova, seus comentários são ao mesmo tempo sensíveis e empáticos. Depois de conversar com ela, muitas vezes me pego refletindo sobre o que falou. Minha mãe e meu pai também são sábios, e ando pensando muito nisso ultimamente, agora que ficou claro para mim que, embora a sabedoria esteja no sangue da família, ela com certeza me pulou.

Afinal de contas, se eu fosse sábio, teria escutado Marge lá no verão de 2007, quando ela me levou ao cemitério onde nossos avós estão enterrados e perguntou se eu tinha certeza absoluta de querer me casar com Vivian.

Se eu fosse sábio, teria ouvido meu pai quando ele perguntou se eu tinha certeza de que queria trabalhar como autônomo e abrir minha própria agência de publicidade aos 35 anos.

Se eu fosse sábio, teria dado ouvidos à minha mãe quando ela me aconselhou a passar o máximo de tempo que pudesse com London, pois crianças crescem muito depressa e você nunca consegue recuperar os anos perdidos.

Mas, como eu falei, não sou um homem sábio, e por causa disso minha vida praticamente fugiu ao controle. Até hoje me pergunto se vou conseguir me recuperar.



Por onde começar quando se quer dar sentido a uma história que não faz o menor sentido? Pelo começo? E onde fica o começo?

Quem pode saber?

Então vamos começar pelo seguinte. Quando eu era criança, cresci pensando que me sentiria um adulto ao completar 18 anos, e de fato assim aconteceu. Aos 18 anos, eu já fazia planos. Minha família vivia apertada de dinheiro, e eu não tinha a menor intenção de passar por isso de novo. Sonhava em montar meu próprio negócio, em ser meu próprio patrão, ainda que não tivesse certeza do que exatamente iria fazer. Imaginei que um curso universitário poderia me guiar na direção certa e entrei para a Universidade Estadual da Carolina do Norte, mas, quanto mais tempo passava lá, mais jovem parecia me sentir. Quando me formei, não conseguia me livrar da sensação de que eu era praticamente o mesmo que tinha sido no ensino médio.

A universidade tampouco me ajudou a decidir que tipo de empresa criar. Eu tinha pouca experiência no mundo real e ainda menos capital, de modo que adiei meu sonho e fui trabalhar como publicitário para um homem chamado Jesse Peters. Ia para o escritório de terno e trabalhava uma tonelada de horas, mas, mesmo assim, na maior parte das vezes, ainda me sentia *mais jovem* do que minha idade real. Nos fins de semana, frequentava os mesmos bares da época da faculdade, e muitas vezes pensava que poderia começar tudo outra vez como calouro, e que me encaixaria bem em qualquer fraternidade.

Ao longo dos oito anos seguintes, houve ainda mais mudanças: me casei, comprei uma casa e comecei a dirigir um carro híbrido, mas nem sempre me sentia uma versão adulta de mim mesmo. Afinal de contas, Peters tinha assumido o lugar dos meus pais e, como eles, podia me dizer que tinha que *fazer tal coisa ou então...*, o que me dava a sensação de ainda estar *fingindo*. Às vezes, sentado à minha mesa no trabalho, eu tentava me convencer: *Ok, agora é oficial... Sou adulto.*

A consciência, claro, veio depois de London nascer e de Vivian largar o emprego. Eu ainda não havia chegado aos 30, e a pressão que sentia para sustentar minha família nos anos seguintes exigia um sacrifício que eu não tinha imaginado; se isso não era ser adulto, não sei o que poderia ser. Depois de sair da agência, nos dias em que conseguia chegar em casa num horário razoável, eu passava pela porta e ouvia London chamar: “Papai!”, e sempre desejava poder ficar mais tempo com ela. Minha filha vinha correndo, eu a pegava no colo e ela me enlaçava pelo pescoço, então eu lembrava a mim mesmo que todos os sacrifícios tinham valido a pena, nem que fosse apenas por causa da nossa maravilhosa garotinha.

No ritmo louco da vida, foi fácil me convencer de que as coisas importantes, minha mulher e minha filha, meu emprego, minha família, estavam indo bem, mesmo que eu não fosse meu próprio patrão. Nos raros momentos em que eu imaginava o futuro, pegava-me visualizando uma vida não muito diferente da que tinha, e tudo bem. Na superfície, as coisas pareciam correr bem, mas eu deveria ter interpretado isso como um alerta. Podem acreditar, eu não tinha *a menor ideia* de que, dali a poucos anos, acordaria de manhã me sentindo como um daqueles imigrantes em Ellis Island, recém-chegados aos Estados Unidos só com as roupas do corpo, sem falar o idioma e se perguntando: *E agora, eu faço o quê?*

Quando exatamente tudo começou a dar errado? Se você perguntar a Marge, a resposta vai ser óbvia: “Tudo começou a descer ladeira abaixo quando você conheceu a Vivian”, ela me disse mais de uma vez. É claro que, sendo Marge, automaticamente se corrigia. “Retiro o que disse”, acrescentava. “Tudo começou bem antes disso, quando você ainda estava no ensino fundamental e pendurou aquele cartaz na parede, aquele da garota de biquíni minúsculo com uns peitões enormes. Sempre gostei daquele cartaz, aliás, mas ele deformou seu cérebro.” Então, depois de pensar mais um pouco, ela balançava a cabeça, especulando: “Agora, pensando bem, acho que você sempre foi meio esquisito e, vindo da pessoa que sempre foi considerada a esquisita da família, isso é significativo. Seu verdadeiro problema é ser bonzinho demais.”

E é isso. Quando você começa a tentar entender o que deu errado ou, mais especificamente, onde *você* errou, é mais ou menos como descascar uma cebola. Há sempre outra camada, outro erro do passado ou uma lembrança dolorosa que surge e então conduz ainda mais para o passado, e ainda mais, em busca da *verdade definitiva*. Cheguei ao ponto em que parei de tentar entender: agora, a única coisa que de fato importa é aprender o suficiente para evitar repetir os mesmos erros.



Para entender o que aconteceu, é importante me entender. O que não é fácil, aliás. Já faz mais de um terço de século que eu sou eu, e na metade do tempo nem eu consigo entender a mim mesmo. Então permitam que

eu comece assim... À medida que fui ficando mais velho, passei a acreditar que só existem dois tipos de homem no mundo: o que se casa e o que fica solteiro. O tipo que se casa é o que praticamente avalia toda garota com quem sai para ver se ela pode ou não ser *A Garota*. Esse é o motivo pelo qual mulheres na casa dos 30 ou 40 anos vivem dizendo coisas como *Todos os caras legais já estão comprometidos*. Com isso, estão se referindo a caras que estejam prontos, dispostos e capazes de se comprometer em um relacionamento.

Eu sempre fui do tipo que se casa. Para mim, fazer parte de um casal parece *certo*. Seja qual for o motivo, sempre me senti mais à vontade na presença de mulheres do que na de homens, tive até mais amigas do que amigos, e conviver com uma única mulher que *por acaso também fosse loucamente apaixonada por mim* me parecia o melhor dos mundos possíveis.

E pode ser mesmo, imagino. Mas é aí que as coisas ficam um pouco mais complicadas, porque nem todos os homens que se casam são iguais. Existem subgrupos dentro desse tipo, homens que talvez também sejam *românticos*, por exemplo. Soa bacana, não? O tipo de sujeito que a maioria das mulheres afirma querer? Provavelmente é isso mesmo, e devo admitir que sou um integrante de carteirinha desse subgrupo específico. Em raras ocasiões, contudo, esse subgrupo ainda tem a inclinação de *querer agradecer aos outros*, e essas três coisas juntas me fizeram acreditar que com apenas um pouco mais de esforço, se eu somente tentasse com um pouco mais de afincio, minha mulher sempre iria me adorar da forma como eu a adorava.

Mas por que eu era assim? Seria apenas a minha natureza? Será que eu tinha sido influenciado pela dinâmica familiar? Ou simplesmente assistira a uma quantidade excessiva de filmes românticos numa idade impressionável? Ou quem sabe tudo isso junto?

Não faço ideia, mas posso afirmar, sem hesitação, que a parte de *assistir a uma quantidade excessiva de filmes românticos* foi culpa de Marge. Minha irmã adorava clássicos como *Tarde demais para esquecer* e *Casablanca*, mas *Ghost* e *Dirty Dancing* também entravam na lista, e devemos ter visto pelo menos vinte vezes *Uma linda mulher*. Era o filme preferido de Marge. O que eu não sabia, claro, era que gostávamos dele porque na época éramos ambos perdidamente apaixonados pela Julia Roberts, mas isso não

vem ao caso. Esse filme será lembrado para sempre porque *funciona*. Os personagens interpretados por Richard Gere e Julia Roberts têm... *química*. Eles conversam. Aprendem a confiar um no outro apesar das circunstâncias. Eles se apaixonam. E como esquecer a cena em que Richard Gere está esperando Julia, que planeja levar à ópera, e ela aparece usando um vestido que a transforma completamente? O público vê a expressão embasbacada de Gere, que por fim abre uma caixa de veludo em que está o colar de brilhantes que Julia vai usar nessa noite. Quando ela estende a mão para pegar a joia, ele fecha a tampa no seu dedo, e a surpresa repentina e alegre no rosto dela...

Estava tudo ali, naquelas poucas cenas. O lado romântico, digo: confiança, expectativa e alegria, misturadas com ópera, roupas chiques e joias, conduziam ao *amor*. No meu cérebro pré-adolescente, tudo fazia sentido: aquilo era uma espécie de manual para impressionar uma garota. Tudo que eu na verdade devia lembrar era que as garotas precisavam *gostar* do cara primeiro e que os *gestos românticos* então conduziriam ao *amor*. E foi assim que, afinal, nasceu mais um romântico no mundo real.

Eu estava no sexto ano, uma menina nova entrou na turma. Melissa Anderson tinha se mudado de Minnesota. Loura, de olhos azuis, tinha a aparência de seus antepassados suecos. Quando a vi, no primeiro dia de aula, tenho quase certeza de que meu queixo caiu, e não só o meu. Todos os garotos cochichavam a seu respeito, e eu tinha poucas dúvidas de que ela era, de longe, a menina mais bonita que já havia pisado na aula da Sra. Hartman na Escola Fundamental Arthur E. Edmonds.

Mas a diferença entre mim e os outros meninos era que eu sabia exatamente o que fazer, eles não. Eu iria conquistá-la e, embora não fosse Richard Gere com seus jatinhos particulares e colares de diamantes, tinha uma bicicleta e havia aprendido a fazer pulseiras de macramê, com contas de madeira e tudo. Mas as pulseiras viriam mais tarde. Em primeiro lugar, assim como Richard e Julia, nós precisávamos *gostar* um do outro. Comecei a arrumar motivos para me sentar à mesa de Melissa durante o almoço. Enquanto ela falava, eu escutava e fazia perguntas, e semanas mais tarde, quando ela finalmente revelou que me achava legal, soube que estava na hora de dar o passo seguinte. Escrevi um poema sobre sua vida em Minnesota e sobre quanto ela era bonita, e o entreguei um dia de tarde no ônibus escolar junto com uma flor. Fui me sentar sabendo exatamente

o que iria acontecer: ela entenderia que eu era diferente e descobriria algo ainda maior, que a faria me dar a mão e pedir que a acompanhasse até em casa assim que descêssemos do ônibus.

Só que não foi isso que aconteceu. Em vez de ler o poema, ela ficou batendo papo com sua amiga April durante todo o trajeto, e no dia seguinte, na hora do almoço, sentou-se ao lado de Tommy Harmon e nem me dirigiu a palavra. Tampouco falou comigo no dia seguinte ou no outro. Mais tarde, quando me encontrou emburrado no quarto, Marge disse que eu estava exagerando, e que precisava simplesmente ser eu mesmo.

– Mas eu estou sendo eu mesmo.

– Então talvez você deva mudar – retrucou ela. – Porque assim você está parecendo desesperado.

O problema era que eu não pensava duas vezes. Por acaso Richard Gere tinha pensado duas vezes? Ele obviamente sabia mais do que minha irmã, e aqui, mais uma vez, eu e a sabedoria obviamente seguimos em direções opostas. Porque *Uma linda mulher* era um filme, e eu estava vivendo no mundo real, mas o padrão que estabeleci com Melissa Anderson perdurou, com variações, até se tornar um hábito que eu não conseguia largar. Tornei-me o rei dos gestos românticos: flores, bilhetes, cartões, essas coisas. Na faculdade, cheguei a ser o “admirador secreto” de uma garota de quem estava a fim. Abria portas, pagava a conta quando saía com alguma menina e escutava sempre que alguém queria conversar, mesmo que fosse sobre quanto ela ainda amava o ex. A maioria delas gostava sinceramente de mim. Estou falando sério. Para elas, eu era um *amigo*, o tipo que era convidado para sair com um grupo de amigas, mas era raro eu conseguir ficar com a menina em quem estava de olho. Nem consigo contar quantas vezes escutei: *Você é o cara mais legal que eu conheço e sei que vai conhecer alguém especial. Tenho duas ou três amigas que posso apresentar...*

Não era fácil ser o *cara perfeito para outra pessoa*. Muitas vezes eu acabava com o coração partido e não conseguia entender por que as mulheres diziam querer determinadas qualidades em um homem, como romantismo e gentileza, interesse e capacidade de escutar, mas não valorizavam quando essas coisas lhes eram de fato oferecidas.

Não fui de todo infeliz no amor, claro. No segundo ano do ensino médio, tive uma namorada chamada Angela; na faculdade, Victoria e eu passamos a maior parte do meu penúltimo ano juntos. E no verão depois

de eu me formar, quando estava com 22 anos, conheci uma moça chamada Emily.

Emily ainda mora na região, e ao longo dos anos eu a vi por aí. Ela foi a primeira mulher que amei e, como *romantismo* e *nostalgia* muitas vezes caminham juntos, penso nela até hoje. Emily era meio hippie: gostava de saias floridas compridas e sandálias, usava pouca maquiagem e se formou em belas-artes com ênfase em pintura. Era também linda: tinha cabelos ruivos e olhos castanhos salpicados de dourado, mas havia algo além da aparência física. Emily tinha o riso fácil, era educada com todos e inteligente, uma mulher que a maioria das pessoas considerava perfeita para mim. Meus pais a adoravam, Marge a adorava, e quando estávamos juntos nos sentíamos à vontade mesmo em silêncio. Nosso relacionamento era fácil e leve; mais do que namorados, éramos amigos. Não só podíamos conversar sobre qualquer coisa, como ela também adorava os bilhetinhos que eu colocava debaixo do seu travesseiro e as flores que mandava entregar no seu trabalho sem motivo algum. Emily me amava tanto quanto amava os gestos românticos, então, depois de uns anos de namoro, eu planejava pedi-la em casamento, e até comecei a pagar por um anel de noivado.

Então pisei na bola. Não me perguntem por quê. Eu poderia pôr a culpa no álcool, já que nessa noite estava bebendo num bar com amigos, mas o que importa é que, por algum motivo, comecei a conversar com uma mulher chamada Carly. Ela era linda, sabia ser sedutora e tinha terminado recentemente um longo namoro. Um drinque conduziu a outro, que conduziu a mais flerte, e acabamos indo para a cama. De manhã, ela deixou bem claro que o que havia acontecido era só uma coisa passageira, sem compromisso, e, embora tenha me dado um beijo de despedida, não se deu ao trabalho de deixar seu telefone.

Existem algumas Regras Masculinas muito simples nesse tipo de situação. A Regra Número Um é a seguinte: *Nunca conte, aconteça o que acontecer*. E se a sua namorada algum dia desconfiar e perguntar explicitamente, passe direto para a Regra Número Dois: *Negue, negue, negue*.

Todo homem conhece essas regras, mas o problema era que eu estava cheio de culpa. Uma culpa horrível. Mesmo um mês depois do que havia acontecido, não conseguia esquecer, tampouco me perdoar. Guardar o segredo me parecia inconcebível – eu não podia me imaginar construindo

um futuro com Emily sabendo que ele estaria baseado pelo menos em parte numa mentira. Conversei com Marge e ela, como sempre, me ajudou daquele seu jeito de irmã.

– Fique com essa boca fechada, seu retardado. Você vacilou, e deve mesmo se sentir culpado. Mas, se nunca mais for fazer isso, então não precisa magoar a Emily. Um troço desses vai deixá-la arrasada.

Eu sabia que Marge tinha razão, mas mesmo assim...

Querida o perdão de Emily, pois só dessa forma achava que conseguiria perdoar a mim mesmo. Então, no fim das contas, acabei indo procurá-la e disse as palavras que, até hoje, gostaria de poder desdizer.

– Preciso contar uma coisa – comecei, e joguei tudo em cima dela.

Se o objetivo era o perdão, não deu certo. Se o outro objetivo era tentar construir um relacionamento duradouro baseado na verdade, também não deu certo. Chorando de raiva, ela saiu pisando duro e dizendo que precisava de um tempo para pensar.

Deixei-a em paz por uma semana e esperei que ela me ligasse enquanto zanzava pelo meu apartamento, mas o telefone não tocou. Então, deixei dois recados, com novas desculpas em ambas as vezes, mas ela não me retornou. Só na outra semana finalmente almoçamos. Foi um encontro tenso, e na saída ela pediu que eu não a acompanhasse até o carro. Tudo já tinha sido dito, e uma semana depois ela me deixou um recado dizendo que estava tudo acabado para sempre. Passei semanas arrasado.

O tempo aliviou minha culpa, como o tempo sempre faz, e tento me consolar pensando que, pelo menos para Emily, minha pulada de cerca foi uma bênção disfarçada. O amigo de um amigo me contou, anos depois de terminarmos, que ela havia se casado com um australiano, e eu tinha a impressão, sempre que a via de longe, que a vida a estava tratando muito bem. Eu me convencia de que estava feliz por ela. Mais do que ninguém, Emily merecia uma vida maravilhosa, e Marge pensava isso também. Mesmo depois de eu me casar com Vivian, minha irmã às vezes se virava para mim e dizia: “Aquela Emily era realmente especial. Você meteu os pés pelas mãos, não foi?”



Nasci em Charlotte, na Carolina do Norte, e, tirando um único ano em outra cidade, morei lá a vida inteira. Até hoje me parece quase impossível Vivian e eu termos nos conhecido onde nos conhecemos, ou até mesmo termos nos conhecido, para começar. Afinal, ela, assim como eu, era do Sul; assim como o meu, seu trabalho a ocupava quase o dia inteiro, e ela raramente saía. Quais eram as chances, portanto, de eu a conhecer numa festa em Manhattan?

Na época, eu trabalhava na filial da agência em Midtown, Manhattan, algo que provavelmente soa mais importante do que na realidade era. Jesse Peters achava que quase qualquer um que demonstrasse potencial no escritório de Charlotte deveria trabalhar pelo menos algum tempo mais ao norte, nem que fosse porque vários de nossos clientes eram bancos, que tinham presença importante em Nova York. Vocês já devem ter visto alguns dos comerciais nos quais trabalhei; gosto de pensar neles como peças sensíveis e sérias, que transmitem a essência da integridade. O primeiro deles, aliás, foi criado enquanto eu morava em um pequeno quarto e sala na Rua 77 Oeste, entre as avenidas Columbus e Amsterdam, e tentava entender se o caixa eletrônico estava dando as informações corretas sobre minha conta bancária, cujo saldo só servia para comprar uma promoção no restaurante de fast-food mais próximo.

Em maio de 2006, o presidente de um dos bancos, que *adorava a minha visão*, promoveu um evento beneficente em prol do MoMA. Ele era um apreciador sério de arte, assunto sobre o qual eu nada sabia, e mesmo o evento sendo exclusivo, com traje black-tie, eu não queria ir. Só que o banco dele era um cliente, e Peters era um patrão no estilo *faça o que estou mandando ou então...* Ou seja, o que eu podia fazer?

Não me lembro de quase nada da primeira meia hora, a não ser que me sentia um peixe fora d'água. Bem mais da metade do público tinha idade dos meus avós e praticamente todo mundo pertencia a outra estratosfera em matéria de poder aquisitivo. Em determinado momento, peguei-me escutando um senhor grisalho discutir os méritos do G-IV e do Falcon 200. Levei um tempo para entender que eles estavam comparando seus jatinhos particulares.

Quando me afastei dessa conversa, vi o chefe de Vivian do outro lado do cômodo. Reconheci-o dos programas de TV de tarde da noite, e ela depois me contaria que ele se considerava um colecionador de arte. Vivian torceu

o nariz ao dizer isso, sugerindo que ele tinha dinheiro, mas não bom gosto, o que não me espantou. Apesar dos convidados famosos, o programa dele tinha um humor apenas rasteiro.

Ela estava em pé atrás do chefe, fora da minha linha de visão, mas, quando deu um passo à frente para cumprimentar alguém, eu a vi: cabelos escuros, pele perfeita, e maçãs do rosto que as supermodelos sonham em ter. Ela era certamente a mulher mais linda que eu já vira na vida.

Primeiro pensei que os dois estivessem juntos, porém, quanto mais olhava, mais tinha certeza de que eles *não* estavam juntos e de que ela de algum modo trabalhava para ele. Também não vi uma aliança no seu dedo, outro bom sinal... Mas, sério, que chance eu tinha?

O romântico que mora em mim, porém, não se deixou deter e, quando ela foi ao bar pegar uma bebida, eu a segui. De perto, ela era ainda mais deslumbrante.

– É você.

– Como?

– É em você que os artistas da Disney pensam quando desenham os olhos das princesas.

Sofrível, reconheço. Forçado, cafona até, e durante aquele silêncio embaraçoso eu entendi que tinha estragado tudo. Mas o que aconteceu foi o seguinte: ela riu.

– Essa cantada eu nunca tinha escutado.

– Não funciona com qualquer uma. Russell Green.

Ela pareceu achar graça.

– Vivian Hamilton – apresentou-se, e eu quase arquejei.

O nome dela era *Vivian*.

Como a personagem de Julia Roberts em *Uma linda mulher*.



Como é que a gente sabe quando alguém é a *pessoa certa*? De que tipo de sinal a gente precisa? Como acontece de você pensar, ao conhecer alguém: *Essa é a pessoa com quem quero passar o resto da minha vida*? Por exemplo, como Emily podia parecer certa e Vivian também, quando as duas eram tão diferentes quanto o dia e a noite? Quando os dois relacionamentos eram tão diferentes quanto o dia e a noite?

Não sei, mas, quando penso em Vivian, ainda é fácil recordar a empolgação de nossas primeiras noites juntos. Enquanto com Emily havia afeto e conforto, com Vivian quase desde o princípio houve uma espécie de ardor, como se aquela atração fosse nosso destino. Cada interação e cada conversa pareciam fortalecer ainda mais minha crença de que éramos exatamente o que procurávamos.

Como sou do tipo que se casa, comecei a fantasiar sobre os rumos que nossa vida juntos iria seguir, e sobre como nossa conexão arrebatadora duraria para sempre. Em poucos meses, tive certeza de que a queria como esposa, mesmo que não o tenha dito. Vivian levou mais tempo para sentir o mesmo por mim, mas seis meses depois de começarmos a sair já estávamos namorando *sério*, e testávamos o terreno para saber o que o outro pensava em relação a Deus, dinheiro, política, família, bairros legais para morar, filhos e valores básicos. Na maior parte das vezes, concordávamos. Aproveitando a dica de mais um filme romântico, eu a pedi em casamento no terraço panorâmico do Empire State, no Dia dos Namorados, uma semana antes de ter que me mudar de volta para Charlotte.

Eu *achei* que soubesse em que estava me metendo quando me ajoelhei. Hoje, pensando bem, sei que Vivian *tinha certeza*, não só de que eu era o tipo de homem que ela queria, mas o tipo de que *precisava*. Assim, em 17 de novembro de 2007, pronunciamos nossos votos na frente de amigos e parentes.



O que aconteceu depois?, vocês podem estar se perguntando.

Como acontece em todos os casamentos, tivemos nossos altos e baixos, nossos desafios e oportunidades, nossos sucessos e fracassos. Quando toda a poeira baixou, passei a acreditar que o casamento era maravilhoso, pelo menos teoricamente.

Na prática, porém, acho que um termo mais exato seria *complicado*.

Afinal, o casamento nunca é exatamente como a gente imagina que vai ser. Parte de mim, a parte romântica, imaginava a coisa toda como um longo comercial de margarina, com a família reunida à mesa transbordando felicidade, uma dimensão na qual o amor e a confiança eram capazes de superar qualquer desafio. Já o meu lado mais prático sabia que, para seguir-

mos como um casal por um longo período, seria preciso esforço de ambos. Casamento exige compromisso e negociação, comunicação e cooperação, principalmente porque a vida costuma lançar umas bolas traiçoeiras, muitas vezes quando menos esperamos. No mundo ideal, a bola traiçoeira passa pelo casal sem causar muitos danos; em outros momentos, encarar esses lançamentos a dois torna o casal mais comprometido um com o outro.

Às vezes, no entanto, as bolas traiçoeiras acabam nos acertando bem no meio do peito, perto do coração, e deixam feridas que nunca parecem sarar.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br